

Sequências didáticas na contação de mitos ovidianos

Letícia Machado Miranda^{*}
Barbara Delgado Azevedo^{**}
Fernanda Cunha Sousa^{***}

RESUMO: Este trabalho visa apresentar parte da prática do grupo Contos de Mitologia, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, com alunos do 5º ano. A finalidade é divulgar a Cultura Clássica para os segmentos básicos da educação e aprimorar a formação acadêmica e didática dos bolsistas. Para isso, foram desenvolvidas sequências didáticas baseadas nos mitos da obra *Metamorfoses*, do poeta Ovídio. O trabalho difunde a contação dos mitos¹ (a partir das narrativas ovidianas) e proporciona a criação de espaço para prática de gêneros orais, em diálogo com práticas escritas, na escola.

Palavras-chave: contação de histórias; sequências didáticas; estudos clássicos; ensino de LP.

Introdução

O projeto de extensão “Contos de Mitologia” é desenvolvido por graduandos da Universidade Federal de Juiz de Fora, em parceria com outros dois projetos, um homônimo da Universidade Federal de Goiás e o projeto de pesquisa “Letras Clássicas na Escola”, também da UFJF, o qual fornece materiais didáticos adequados às faixas etárias trabalhadas por cada equipe. O projeto visa ampliar o estudo da Cultura Clássica da universidade para a rede de ensino básico, de forma que possa ser divulgada e que sejam feitas reflexões a seu respeito, também por alunos mais jovens, interagindo transversalmente com conteúdos de Língua Portuguesa das turmas atendidas.

Para isso, foi escolhida a contação de histórias, remetendo às origens da literatura como prática oral, uma parte tão expressiva das sociedades humanas. Assim, podemos incentivar o ensino da oralidade na escola, este gênero por vezes negligenciado, a partir de uma linguagem próxima das crianças, podendo auxiliar na motivação de verter essas ou outras histórias para o texto escrito.

Outra proposta do projeto é o aprimoramento didático dos bolsistas, que estão tendo o primeiro contato com a sala de aula e com todos os processos que o ambiente exige, tais como: planejamento de atividades, produção de materiais, planos de aula e domínio de turma. Por fim, trabalha-se também em prol do amadurecimento acadêmico, por meio da leitura e produção de textos sobre os Estudos Clássicos, contação de histórias e ensino, além de apresentações de trabalhos e troca de experiências propiciadas pela participação em eventos da área.

* Graduação em andamento em Abi – Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

** Graduação em andamento em Abi – Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

*** Doutora em Letras Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹ Por mito nos baseamos na definição apresentada por TIAGO, SOUSA E AULER. *Metamorfoses: a transformação dos mitos e o ato de (re)contar histórias*. Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios, edição especial Dossiê Semana de Estudos Clássicos 2016, no prelo.

Foi escolhida para adaptação das histórias a serem contadas a obra *Metamorfoses*, do poeta Ovídio, devido aos temas, que, como já comprovado em etapas anteriores do projeto, são grande atrativo para a faixa etária e que podem proporcionar o desenvolvimento do senso crítico e da criatividade, o hábito da leitura, da interpretação de textos, o raciocínio lógico e o enriquecimento cultural, além da identificação de ideias que se refletem em nossa sociedade até os tempos atuais. O trabalho cotidiano com essa obra possibilita ainda que o acadêmico de Letras conheça mais profundamente uma das obras basilares da Literatura Latina. Para coordenar essas atividades, são realizadas reuniões quinzenais, nas quais o grupo discute a adaptação, lê textos teóricos sobre literatura latina, técnicas de contação, ensino, planeja as aulas, conversa sobre questões surgidas durante o desenvolvimento dos trabalhos anteriores.

No momento da prática, o grupo é dividido em duas escolas da rede pública de Juiz de Fora: um deles trabalha com a Escola Municipal Santana do Itatiaia, com alunos do 2º ciclo da Educação Infantil (crianças entre 4 e 5 anos) e o outro desenvolve o projeto na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (crianças entre 8 e 10 anos).

Na segunda escola, objeto principal deste trabalho, foram elaboradas, pelas graduandas, sequências didáticas a respeito de contação oral de relatos mitológicos ovidianos, que visam ao gênero oral, mas trabalham também práticas de leitura e de escrita, atendendo a solicitações das professoras de Língua Portuguesa das turmas acompanhadas, as quais relatam muitos problemas como desinteresse por parte dos alunos em aprender e praticar a escrita de diversos gêneros textuais.

Entendemos sequência didática, baseadas nos estudos de Dolz e Schneuwly (1998), como uma estratégia didática formada por uma produção inicial, módulos ou oficinas de aprendizagem e uma produção final com vistas a um objetivo didático.

O presente trabalho irá apresentar e discutir os módulos e as produções já elaborados por nós.

1. Fundamentação Teórica

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam que o domínio de língua está diretamente relacionado à participação efetiva na sociedade. Assim, segundo o documento, cabe à escola a responsabilidade de garantir o acesso aos saberes linguísticos e, para que isso ocorra de forma plena, devem ser ampliados os graus de letramento, capacitando os alunos a interpretar e produzir os diversos textos (orais e escritos) que circulam na sociedade.

É sob a perspectiva do ensino dos textos em língua materna a partir do uso social que surge a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo, teoria da psicologia da educação, conforme Bronckart (1999,2012). Seguindo essa perspectiva, é por meio de textos que agimos socialmente, variando o gênero de acordo com o contexto.

Para o Bronckart (2012, p. 137; 2008, p. 87) o texto pode ser definido como: “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário [...], é a unidade comunicativa de nível superior”. Dessa forma, estão incluídas as produções escritas e orais dos mais diversos tipos, que devem fazer parte da vivência escolar.

A ação de contar histórias é parte essencial das sociedades humanas, seja como entretenimento ou como forma de transmitir aspectos culturais, tais como preceitos morais, ensinamentos sociais e mitos criadores.

De acordo com Sisto,

Contar histórias é um meio de comunicação ancestral. Isso nos obriga a pensar em Platão que, na sua *República*, já se referia à importância de contar contos - primeiro, os contos, depois, a ginástica - para a educação ética das crianças gregas, sem, contudo, negar a função de entretenimento que esses mesmos contos podiam proporcionar. E isso nos obriga ainda a pensar em Aristóteles: ouvir uma boa história é também experimentar o efeito catártico. (SISTO, 2012, p. 32)

As narrativas orais são cultivadas por todos os grupos sociais e, por isso, são uma forma de agir efetivamente na comunidade. Uma vez que a contação de histórias está tão presente na sociedade, parte-se do pressuposto de que ela é o primeiro contato que a criança tem com a literatura, com textos e com narrativas. Segundo Barthes (1976), Echeverría (2006), Sholles e Kellog (1977), a narração se constitui como forma discursiva básica para a formação dos seres humanos. Ela é, ainda, fonte de desenvolvimento das linguagens, dentro e fora da escola, para Brandt et. al (2009).

Dentro das linguagens que devem ser trabalhadas em sala de aula, estão as práticas de oralidade. Uma vez que não se aprende a falar na escola, as atividades voltadas para a fala são consideradas quase instintivas, o que não poderia estar mais longe da cobrança que um cidadão sofrerá mais tarde por proficiência na expressividade oral. Por isso, entendemos como essencial que a escola trabalhe com as especificidades do ensino da oralidade, tal como a adequação linguística a determinados contextos, o conhecimento das regras de alguns gêneros textuais, etc. para que haja uma ampliação nas possibilidades do agir social dessas crianças. Entendemos ainda que o trabalho desenvolvido a partir das *Metamorfoses*, como aqui proposto, tem muito a contribuir para esse processo, pelo poder do texto e pelo prazer advindo do contato com as histórias ali narradas com maestria.

Visto que a contação de histórias está presente em diversas culturas e, assim, se constitui como ferramenta social, é importante que os alunos possam ter a experiência e a oportunidade de conhecer melhor e de refletir sobre essa prática e sobre o que se veicula através dela. Por meio da contação, é possível inclusive fazer uma doutrinação de viés moralizante, portanto é importante que se reflita sobre essas práticas, para que o aluno pense criticamente, compreenda e interprete por si os conteúdos ali transmitidos.

Para realizar esse trabalho a partir da contação de histórias, foi escolhido o modelo de sequências didáticas que são, para Schneuwly (2004), um dispositivo didático criado para o ensino de determinado gênero textual. Para desenvolver a sequência didática, as aulas, que ocorrem quinzenalmente com duração de 50 minutos, foram divididas para que cada encontro com a turma tratasse de um estágio: 1º: uma apresentação da cultura e a proposta da atividade final; 2º: primeira produção; 3º: análises e reflexões dos elementos do gênero dentro dos módulos, ou oficinas; 4º: produção final.

Acreditamos na necessidade de mudança na relação que a criança tem com a literatura em sala de aula. Anteriormente, os textos literários apenas serviam como propósito para outra atividade, ou para que dele se retirassem determinados elementos, limitados a títulos considerados clássicos e metodológicos, que pouco atraíam o interesse do aluno. Segundo Cosson:

Tomando o efeito pela causa e confundindo os fins com os meios, o ensino da literatura cristalizou-se no uso supostamente didático do texto literário para ensinar uma gramática esterilizada da língua e o que mais interessasse ao currículo escolar. A leitura da obra, quando realizada, servia apenas para

discussões inócuas de temas vagamente inspirados pelo texto e o preenchimento de fichas de leitura padronizadas. (COSSON, 2012, pp. 56).

Busca-se, sob esta perspectiva, que as narrativas sejam um momento de descontração, para que a literatura seja vista como fonte de diversão e como forma de lazer, além de dar às crianças a oportunidade de conhecer um texto que, embora quase nunca trabalhado na escola, é um dos maiores representantes da literatura clássica e, por isso, tem grande influência em nossa cultura.

Consideramos o trabalho com Ovídio instigante para esse tipo de reflexão, pois o autor

(...) propõe como tema um universo claramente ficcional, em que corpos mudam de natureza e de forma, e se transformam em pedras, fontes, rios, estrelas e muitas outras coisas. Paradoxalmente, para tema bem mais próximo do universo onírico, reclama que é o seu animus, ou seja, a razão, a inteligência racional, e não algo que nos escapa ao controle (...) que o impele (*fert*) a fazê-lo. Há, pois, um jogo com o leitor, como se ironicamente recolocasse tema tão claramente pertencente ao imaginário no patamar da verossimilhança. (ALBERTO, 2007, pp. 15).

Segundo Farmhouse Alberto, na introdução de sua tradução de *Metamorfoses*, por revelar uma sensibilidade quase plástica, com descrições de espaço realmente deslumbrantes, esta obra está entre as que mais inspiraram a pintura europeia desde o século XVI até a atualidade. Por isso, chega a chamar o próprio Ovídio de “contador de histórias” e de “pintor de cenários” (ALBERTO, 2007, p. 27), o que proporciona deleite com esse texto, para além de suas possibilidades didáticas - que são muitas -, dá prazer pelo contato com uma obra, sensação à qual entendemos que todos têm direito, em um estado de gozo estético somente possível se “a literatura não serve para nada” (SANTOS, 2008, p. 26 apud SOUSA e ZANIRATO, 2015), se ela é inútil, porque o gozo estético não pode ser quantificado de forma precisa e como consequência as formas artísticas perdem valor utilitário.

2. Metodologia

O projeto é formado por alunos do curso de Letras da UFJF de diversos períodos, os quais dividem o trabalho em duas etapas. Na primeira etapa, ocorre a reunião com a orientadora Professora Doutora Fernanda Cunha Sousa, que discute e orienta os alunos na escolha dos mitos, em questões teóricas e em dúvidas e problemas que surgem durante o trabalho nas escolas. Os mitos do livro *Metamorfoses*, do poeta Ovídio, são adaptados² pelos graduandos para o gênero oral a partir da tradução de Farmhouse Alberto, levando em consideração as características da contação de história, mas sem que haja um grande afastamento do texto original.

Na segunda etapa, ocorre a divisão do grupo de alunos em duas equipes: a 1ª equipe segue para a Escola Municipal Santana do Itatiaia, e a 2ª para a Escola Municipal Tancredo Neves, onde a prática ocorre às quartas-feiras nos dois primeiros horários do período vespertino, para as duas turmas de 5º ano da escola respectivamente.

Inicialmente, as graduandas se encontram com os alunos e contam um mito adaptado do poeta Ovídio. Essa parte é considerada essencial do projeto, afinal as

² Sobre o processo de adaptação dos mitos, ver TIAGO, M. V.; SOUSA, C. F.; AULER, J. *Metamorfoses: a transformação dos mitos e o ato de (re)contar histórias*. Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios, edição especial Dossiê Semana de Estudos Clássicos 2016, no prelo.

crianças entram em contato com a cultura clássica e com a tradição de contar histórias oralmente de modo prazeroso e descontraído.

A contação é realizada pelas bolsistas que se preparam antes, lendo os mitos, estudando e “internalizando” as partes principais da história para que saibam colocar entonação, ritmo e detalhes nas narrativas a fim de que as crianças se interessem e prestem mais atenção. A palavra é o mais importante nessa perspectiva. Alguns bolsistas podem gesticular ou fazer movimentações, a partir de como cada um se sente mais à vontade durante a atividade, mas é importante ressaltar que todos se diferenciam de atores, pois não atuam como em teatros, eles dão mais importância à história e seus detalhes do que a uma eventual prática de interpretação. Entendemos que, quanto mais detalhada a história é, mais o ouvinte poderá elaborar imagens na sua mente. É para isso que serve uma sessão de contação de histórias: transportar o ouvinte e o contador para um outro plano, o da imaginação, onde a história se passa.

Após a história, é feita uma reflexão com as crianças a respeito do conteúdo, interpretação do texto e estrutura. São retomados os pontos principais e os elementos que serão analisados naquele dia. As crianças sempre apresentam bastante interesse e costumam participar muito das discussões. Isso tem trazido benefícios para a turma, pois as professoras regentes que acompanham o projeto na escola têm atestado o aprimoramento das crianças ao interpretar textos após o início dos nossos encontros e discussões. Após essa etapa, que sempre se repete por ser considerada a essência da proposta, temos procurado estratégias didáticas variadas de modo a envolver os alunos e atender aqueles que apresentam diferentes estágios de letramento.

Na seção seguinte, serão apresentados de maneira mais aprofundada os conceitos de sequência didática aqui adotados e o detalhamento das diferentes atividades que têm sido propostas em cada estágio.

3. Sequência didática e a escolha dos mitos

Nesta seção serão apresentadas as sequências didáticas trabalhadas com os alunos. Para isso, as atividades estão divididas em dias, de acordo com o que foi realizado. Há uma distância de 15 dias de um trabalho para o outro, uma vez que as aulas são intercaladas com reuniões do grupo. Em todos os dias houve a contação de diferentes mitos antes da realização da atividade proposta.

O primeiro mito escolhido foi de Perseu. Uma vez que o texto passou por uma adaptação para o público alvo, palavras menos usuais foram suprimidas, ou explicações foram acrescentadas. As adaptações se alteram de texto para texto, por exemplo, para a contação ocorrer de maneira mais harmoniosa, utilizam-se recursos como a assonância, quando, ao citar a Medusa, foram adicionadas palavras que possuem sons sibilantes, com a finalidade de levar as crianças associarem esses sons produzidos pelos bolsistas na narração ao sons de cobras, que é uma marca importante dessa personagem. Os outros mitos trabalhados foram *Atalanta e Hipomnes*, *Licaone Aracne e Minerva*.

As narrações ovidianas possuem muitos atos heróicos, seres fantásticos, histórias intrigantes, confronto de ideias e mistério, características que atraem o público entre dez e doze anos. Segundo Nelly Coelho, as crianças dessa faixa etária estão em “fase de consolidação do mecanismo de leitura e da compreensão do mundo apresentado no livro”(2000), e a narrativa adequada a esse público seria “gêneros em tela – o conto, a crônica de tom aventureiro e o sentimental marcados por desafios ao indivíduo (mitos, deuses, heróis e heroínas, ficção científica)”.

3.1. Dia 01

No primeiro encontro com os alunos da Escola Municipal Tancredo Neves, as graduandas fizeram uma apresentação geral sobre cultura clássica e especificamente a mitologia greco-romana. A apresentação foi feita de forma participativa, a partir do conhecimento que os alunos já tinham sobre o assunto. As crianças se mostraram muito motivadas e fizeram referências a vários aspectos da cultura clássica que encontramos nos dias de hoje em filmes e jogos.

Após essa “conversa” foi feita a atividade “Mito ou verdade”, que consiste em distribuir para as crianças dois cartões, um vermelho e outro verde. Em seguida, são lidas afirmações elaboradas pelas bolsistas sobre a cultura greco-romana. Algumas das frases elaboradas foram: “Na Roma Antiga os escravos não podiam tomar vinho, mito ou verdade?” ou “Na Roma Antiga as pessoas passavam azeite no corpo, mito ou verdade?”. Caso achasse que a informação fosse verdadeira, a criança levantaria o cartão verde, caso contrário levantaria o vermelho.

Por fim, foi feita a pergunta: “Roma foi criada por Rômulo e Remo que foram criados por uma loba, mito ou verdade?”. A partir dessa questão e da dúvida dos alunos em classificá-la como verdadeira ou falsa, iniciou-se uma reflexão sobre o conceito de mito. Tal proposta foi feita seguindo as orientações do PCN, que dizem que cabe à escola apresentar o pluriculturalismo no Brasil. Essa discussão abriu espaço para uma conversa sobre as diferentes religiões e diferentes manifestações do pensamento, buscando trabalhar a tolerância e a noção de que mito não é sinônimo de mentira.

Essa fase é o primeiro estágio da sequência didática, com a apresentação do tema e o início do processo de ampliação do repertório dos alunos sobre a contação de histórias regrada, ou seja, aquela em que há a preocupação com a linguagem, uma estrutura fixa e partes mais ou menos adequadas a essa prática da oralidade.

3.2. Dia 02

No segundo encontro, iniciou-se a contação de história propriamente dita pelas bolsistas. O mito de Perseu foi dividido em 3 partes, com a introdução nesse encontro. Após a contação, houve um debate sobre o enredo, os principais acontecimentos, pontos mais interessantes e o reconto de trechos por parte de alguns alunos.

Nesse segmento da história, foi apresentado o conceito de oráculo e em seguida foi feita uma atividade com os alunos: “Pergunte ao Oráculo”. Essa atividade dividiu a sala em dois grupos: um nomeado como “O herói” o outro como “O oráculo”. A função do primeiro foi criar uma pergunta para ser feita ao Oráculo sobre o futuro. O segundo grupo criou uma resposta enigmática para a pergunta feita pelo primeiro grupo de modo a se assemelhar às respostas feitas pelos oráculos das histórias.

Para que atividade fosse realizada, houve uma reflexão sobre o modo como o oráculo havia se pronunciado na história. Os alunos chegaram à conclusão de que a entidade não deveria apresentar respostas diretas; deveria falar através de rimas. Concluímos que as crianças relacionaram a rima ao efeito enigmático, como se fossem charadas; fizeram inclusive uso do futuro do indicativo sintético, provavelmente para apresentar maior formalidade, algo incomum em seus textos cotidianos. Essa preocupação com a estrutura da mensagem nos mostrou que eles estavam atentos à linguagem, sendo cuidadosos à escolha da forma.

Nessa fase, foram observadas as produções dos alunos, com uma primeira produção oral mais curta. Foram trabalhadas as seguintes habilidades: função do oráculo nas histórias clássicas; compreensão da história, uma vez que os alunos precisaram recontar trechos e compreender qual foi o papel do oráculo na história; reflexão da necessidade de adaptar a língua a determinados contextos, uma vez que o

oráculo não fala como os heróis; construção das respostas que precisavam ser enigmáticas e coerentes com a pergunta.

3.3. Dia 03

No terceiro encontro, foi elaborada a primeira produção escrita dos alunos. Inicialmente, foi feita uma reflexão junto com os alunos sobre as características das histórias que haviam sido contadas. Eles apresentaram os elementos narrativos que foram organizados em um esquema no quadro, como, por exemplo, o tempo em que se passa a história, sua estrutura, os personagens e os acontecimentos. Com a reflexão concluída, a turma foi dividida em grupos para que eles criassem suas próprias histórias, baseadas na reflexão do início da aula.

Foi pedido aos grupos que escrevessem suas histórias em uma folha de caderno após decidirem qual seria o enredo. Os resultados foram histórias muito criativas. No entanto, notamos que a estrutura dos textos estava um pouco incompleta, com problemas no uso de elementos coesivos, dificuldade de encadeamento dos acontecimentos e uma grande dificuldade em transpor a ideia para o papel, o que provocou grandes mudanças da versão discutida pelo grupo para a apresentada por escrito coletivamente. Essa atividade exercitou a prática de trabalho em grupo, produção oral e escrita, além da compreensão do funcionamento das sequências narrativas. Com a proposta de escrita em grupo, nosso objetivo foi o de não excluir alunos com dificuldades graves de escrita, os quais poderiam contribuir oralmente para a execução da tarefa.

3.4. Dia 04

O quarto encontro foi dedicado à estrutura dos textos, devido ao principal problema encontrado na primeira produção, em que os alunos formularam histórias muito interessantes, entretanto, algumas não apresentaram elementos estruturais essenciais para a compreensão do texto.

Assim, a atividade foi iniciada com uma discussão sobre a estrutura textual geral de uma história, para que os alunos pudessem avaliar o que estava incompleto na própria produção. Em seguida, foi entregue a história de “Atalanta e Hipomenes” para os alunos, cortada em vários pedaços embaralhados, como um quebra-cabeça. Novamente a turma foi dividida em grupos para ler as tiras da história e colocar todas na ordem. Todos os grupos montaram a história corretamente, sem qualquer ajuda. Quando todos acabaram, as bolsistas leram o relato mitológico junto com eles, perguntando o motivo de eles terem escolhido cada trecho para aquela posição. Assim, as crianças foram justificando e fazendo reflexões a respeito da estrutura do texto. No final, puderam avaliar os próprios textos em relação ao mito lido, fazendo correções, adicionando ou retirando partes da história.

Essa atividade exercitou mais uma vez a prática de trabalho em grupo, produção oral e escrita, além de aprofundar a compreensão do funcionamento das sequências narrativas. Os alunos puderam ainda ter contato com mais um mito adaptado, dando continuidade à proposta de ampliação de seu repertório literário clássico.

3.5. Dia 05

Com a noção de uma estrutura de história já trabalhada, no quarto encontro as graduandas entregaram de volta aos alunos as suas próprias histórias para que corrigissem seus problemas nas estruturas e terminassem de escrevê-las.

Após esse módulo de reescrita, foi iniciada a transposição da história para a oralidade. Primeiramente, foram discutidas as diferenças que havia no enredo que foi

discutido no terceiro encontro e as histórias que de fato foram escritas, uma vez que houve grande dificuldade na transposição do meio oral para o escrito.

Tal proposta buscou a reflexão sobre a relação do texto oral com o texto escrito, para que, posteriormente, os alunos percebessem que a fala é também importante, regida por regras e igualmente complexa à escrita. Foram discutidas as dificuldades para passar para o papel toda a narrativa que estava estruturada oralmente e foram feitas as relações entre as duas versões, seguindo as orientações de Dolz e Schneuwly:

Para uma didática em que se coloque em questão do desenvolvimento da expressão oral, o essencial não é caracterizar oral em geral e trabalhar exclusivamente os aspectos da superfície da fala mas, antes, conhecer diversas práticas orais de linguagem e as relações muito variáveis que estas mantêm com a escrita. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 168).

Nessa atividade, as crianças puderam se apropriar da produção oral e relacioná-la à escrita, elaborando suas próprias narrações mitológicas, demonstrando na prática que o mito não tem uma versão fixa, rígida, mas está em constante reelaboração por aquele que se dispõe a contá-lo.

3.3. Dia 06

No sexto encontro, foi feita uma reflexão a respeito dos elementos linguísticos da contação de história a partir de histórias contadas sobre o dia dos alunos, tais como o que fizeram no fim de semana, como foram as últimas férias, isso em comparação às histórias que são contadas pelas bolsistas.

Tal atividade propiciou uma análise detalhada das características linguísticas e corporais, tais como o uso da língua, aspectos típicos da fala não monitorada, a modularização da voz, a escolha do léxico, a adequação de variedades, o uso de pausa, a gestualização, o excesso de movimento durante a fala, entre outros aspectos, listados também por Dolz e Schneuwly:

Treinar a fala envolve a altura da voz, a velocidade, o gerenciamento de pausas nas apresentações. Envolve também aspectos da retórica: captar a atenção da audiência, gerenciar o suspense. Além disso, a oralização envolve a gestualidade, a cinestésica: um gesto ilustra um propósito, como uma postura cria a conveniência. Ou seja: envolve a tomada de consciência da importância da voz, do olhar, da atitude corporal em função de determinado gênero ou evento comunicativo (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 225).

3.7. A produção final

Os próximos encontros foram dedicados aos ensaios e acerto dos últimos detalhes para a contação das histórias, baseadas também na obra do poeta Ovídio, adaptadas e apresentadas pelos próprios alunos como parte de um evento de final de ano promovido na UFJF. Nesta ocasião, os alunos leram suas histórias para outros alunos da própria escola, professores e alguns convidados. As histórias foram entregues para as crianças em um livreto, elaborado pelas bolsistas e a coordenadora do projeto. No final do evento todas as crianças autografaram alguns livros.

Dessa forma, o texto teve um uso real, uma vez que circulou socialmente, e os alunos puderam expor o trabalho feito durante todo o ano. Essa atividade demonstrou ainda acolhimento e reconhecimento por parte da escola do trabalho que o projeto desenvolveu com as turmas, além de abrir espaço para trabalhar a autoestima dos

alunos, muitas vezes prejudicada por questões sociais com as quais precisam lidar em seu dia a dia.

Considerações finais

A contação de histórias, muito além de forma de entretenimento milenar, pode ser utilizada como ferramenta didática poderosa em sala de aula. A inserção do projeto no espaço escolar aponta a importância de uma sequência didática pensada com e para os estudantes, pois funciona como um guia para alcançar bons resultados a partir de cada módulo, trabalhando questões diagnosticadas na vivência com as turmas. Dessa forma, as bolsistas conseguiram desenvolver várias habilidades com os alunos, como a de escuta, atenção, criatividade, interpretação, coletividade, entre muitas outras, além do contato prazeroso e significativo com o texto clássico.

Com este trabalho, pode-se notar também que a contação de histórias consegue abordar dentro da sala de aula vários aspectos, tanto linguísticos como também sociais e culturais. Essa diversidade é muito importante, pois consegue chamar a atenção da criança de várias formas e também realiza um dos objetivos principais do projeto: aproximar as crianças do patrimônio cultural latino. Os alunos também alcançam um papel muito importante de sujeito independente a cada módulo, ou seja, o projeto também trabalha com a independência e a vontade deles, tornando-os capazes de contar histórias sozinhos e ampliando, assim, o alcance da difusão dos mitos trabalhados.

Pode-se afirmar que o projeto atende à necessidade dos alunos de se divertirem no ambiente em que passam grande parte do tempo, enquanto aprendem vários conteúdos. As crianças passaram a ter uma ótima relação com as bolsistas, já que estas passavam confiança e respeito para aquelas, ajudando na reflexão por parte das graduandas sobre o papel do professor, para além da transmissão de conhecimento. Além disso, a forma como foi organizado o projeto, com sequências didáticas, também permitiu que essa relação entre alunos e bolsistas gerasse bons resultados, mostrando que o conteúdo literário clássico pode ser trabalhado com diferentes faixas etárias de modo produtivo para todos os envolvidos e provando na prática para as bolsistas a importância do trabalho planejado e pensado especificamente para cada turma.

É importante frisar ainda que nada disso seria possível sem o apoio da escola e das professoras regentes das turmas, que se mostraram sempre abertas e colaborativas às propostas apresentadas do projeto. Esse acolhimento da escola à proposta mostra a eficiência de um trabalho que integre academia e escola básica em prol do acesso à cultura clássica e da desmistificação desse bem cultural (visto comumente como um conhecimento para poucos), mas que é um direito de todos e, por isso, um dever da universidade, que precisa estar voltada também para a população além de seus muros, incluindo esses indivíduos nas reflexões sobre nossa cultura e, portanto, sobre nós mesmos (SOUSA; ZANIRATO, 2015).

ABSTRACT: This work intends to present part of the Universidade Federal de Juiz de Fora Liberal Arts Contos de Mitologia group practice with students of the fifth elementary grade. The objective is to promote Classical Culture to the basic educational segments and to improve academic and didactic qualification of the fellows. For this purpose, didactic sequences were developed based on the myths from Ovid's *Metamorphoses*. The study disseminates myth storytelling and provides space for oral genres practices associated with written ones inside the school.

Key words: storytelling; didactic sequences; classical studies; Portuguese teaching.

Referências

BRANDT, A. L.; GUSTSACK, F.; FELDMANN, J. *Reflexões sobre a contação de histórias. Conjectura: Filosofia E Educação* 14 (2):169-185. 17, 18, 19 de agosto, 2009.

BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2 ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUC, 2012.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, R. *O espaço da literatura na sala de aula*. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

OVÍDIO. *Metamorfoses*. 2. ed. Lisboa: Cotovia, 2007. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto.

SCHNEUWLY, B. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUSA, F. C.; ZANIRATO, T. F. R. *Contos de mitologia: a extensão universitária como forma de compartilhamento do saber*. In: XIII Congresso Latino-Americano de Extensão Universitária, 2015, Havana. Caderno de anais do XIII Congresso Latino-Americano de Extensão Universitária. Havana: Editora da universidade de Havana, 2015.

TIAGO, M. V.; SOUSA, C. F.; AULER, J. *Metamorfoses: a transformação dos mitos e o ato de (re)contar histórias*. No prelo.

Data de envio: 24-10-2016

Data de aprovação: 03-02-2017

Data de publicação: 17-03-2017